

LIDERAR PARA AVANÇO OU PARA ESTAGNAÇÃO?

Jack Welch, famoso líder no mundo dos negócios, ex-CEO da General Electric, onde trabalhou por mais de 20 anos, declarou, em entrevista à Rede de Televisão CNN, que “todo processo de liderança deve conduzir ao avanço. Liderar é promover avanço”. Essa frase ficou em minha mente por semanas. Vários “será?” foram sendo acrescentados e pensados. Concluí que alguns líderes agem de forma totalmente contrária ao princípio de Welch. Em vez de avançar, eles param; ficam estagnados e, para se defender, dizem que estão mantendo o equilíbrio da organização, quando, na maioria dos casos, estão apenas com medo ou preguiça de encarar as mudanças que o avanço exige. Ou, então, estão tão entretidos com seu próprio passado e com suas vitórias já alcançadas, que acabaram parando no tempo e consolidando sua própria estagnação e a dos que os cercam.

Bill Hybels, pastor da Igreja de Willow Creek e autor de vários livros, tem o mesmo pensamento de Welch. É dele a famosa frase: “líderes levam pessoas de um lugar para outro”. As palavras são um pouco diferentes, mas o princípio é exatamente o mesmo: avanço. Movimento. Sair de um lugar e chegar a outro. Poderíamos citar uma série de outros autores que, usando palavras diferentes, confirmam o mesmo princípio. Daí, podemos afirmar: liderar é promover avanço. Um líder que promove estagnação não está liderando, apenas ocupa um lugar, pois a estagnação não precisa ser planejada, ela acontece naturalmente, desde que deixemos as coisas como estão, sem promover as alterações necessárias, considerando o tempo e as suas imposições históricas, culturais e até espirituais.

Diante do princípio de avanço, duas perguntas são importantes. Primeira: que tipo de liderança estamos formando? E a segunda: Como desafiar os atuais líderes a promoverem mais avanço? As escolas de formação de líderes do mundo empresarial já entenderam a necessidade de formar líderes inovadores, que promovam avanço e alterem sensivelmente seus programas de formação, em especial os MBAs. Mas ainda se vê a necessidade de alterar currículos, principalmente nas universidades, onde se vê, ainda, traços que impedem o avanço de muitos alunos, que acabam sendo formados apenas para gerenciar crises e administrar a estrutura que já existe. As escolas de formação de líderes no meio eclesiástico ainda estão engatinhando no quesito avanço. Poucas faculdades oferecem disciplinas que mostrem ao aluno a necessidade de fazer algo diferente, de considerar as circunstâncias e avançar. Existe, ainda, uma confusão – que creio ser muito básica – entre promover mudanças e quebrar a doutrina. Para muitos, falar em mudança causa arrepios, porque logo associam uma mudança com uma possível divisão de igreja e por aí vai. E talvez por esse motivo a maioria dos líderes eclesiásticos – em especial pastores – acabam saindo dos seminários com uma mente fechada ao novo, pensando apenas em manter uma tradição, desprezando as necessidades do tempo presente.

A segunda pergunta é ainda mais pertinente. Como podemos desafiar os líderes atuais a serem mais inovadores, comprometidos com o hoje; e criar neles a disposição de ir além, trabalhando estruturas já formadas de pensamento e incentivá-los a mudar sua maneira de encarar a liderança? Esse é, de fato, um grande desafio. Poucos líderes atuais são humildes o bastante para reconhecer que precisam mudar, aprender, fazer algo novo. E porque não são humildes, em geral, não mudam. Não pensam em avanço, mas apenas em manutenção do que já existe. Sei que existem boas exceções. Mas olhe de maneira crítica para os líderes – principalmente aqueles que já estão na liderança há algumas décadas – e encontrará pessoas acomodadas e, principalmente, protegidas pelo tempo que têm na liderança. Dizem que já fizeram o que tinham de fazer; poucas fazem cursos de atualização e uma minoria está disposta a encarar com seriedade o desafio da mudança.

Líderes precisam promover o avanço. Se não avançarem, colocarão sua organização em perigo, seja uma empresa, igreja ou qualquer outra. Não há opção: ou avançamos ou acabamos regredindo, pois a estagnação, hoje em dia, não significa “parar”, mas sim retroceder. Que a partir de nós mesmos exista não apenas o desejo, mas o compromisso de avançar, considerando o que está à nossa frente como grandes oportunidades de fazermos a diferença nesse mundo.

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez
Pastor Titular da Igreja Batista Betel
prgimenez@prgimenez.net
www.prgimenez.net